

Pedagogia: A Terceira Margem do Rio

António Nóvoa

CNE | Assembleia da República

7 de Junho de 2010

Agradeço este convite e procurarei responder à questão que a Ana Maria Bettencourt me colocou, para reflectir sobre a pedagogia, e não tanto sobre o currículo.

Não tenho, para vos dizer, nada muito diferente do que vos disse, nesta mesma sala, há precisamente quatro anos, na abertura do Debate Nacional sobre a Educação.

Defendi, então, quatro orientações e sobre elas permito-me um breve comentário:

1ª. À escola o que é da escola, à sociedade o que é da sociedade.

Acredito que, hoje, temos uma consciência mais nítida da impossibilidade (da insensatez) de pedir tudo à escola. Mas a verdade é que continuamos a comportar-nos como se ela pudesse educar *integralmente* as nossas crianças e pudesse até curar todos os nossos males.

2ª. Assegurar que todos os alunos têm verdadeiramente sucesso.

O debate tem estado na ordem do dia, mas em bases erradas. O problema não pode ser posto em termos de aprovação/reprovação e, muito menos, com a obsessão estatística que tem cegado os cérebros e as políticas... Só através da diferenciação e da diversificação será possível conciliar o que parece inconciliável: uma elevada exigência com a integração de todos.

3ª. A liberdade de organizar escolas diferentes (no interior do sistema público).

Pouco tem sido feito neste sentido. E o pior que nos tem acontecido é a imensa burocracia que está a tomar conta das escolas. O controlo burocrático, regulamentar, da vida das pessoas e das organizações, sempre em nome da flexibilidade e da simplificação, é a obscenidade maior das sociedades contemporâneas. Não é um problema português, eu sei, mas afecta profundamente o nosso trabalho.

4ª. Reforçar a formação dos professores e a sua profissionalidade.

Esta foi, talvez, a causa perdida dos últimos anos. Em 2007, a pedido da Presidência Portuguesa da União Europeia, proferi uma conferência intitulada *O regresso dos professores*. Ao falar-vos, hoje, da pedagogia quero insistir nesta ideia, que me parece decisiva. Peço-vos desculpa da insistência, mas a “repetição” parece-me necessária.

Pedagogia: A terceira margem do rio

Fui buscar a um dos grandes da Língua Portuguesa, João Guimarães Rosa, este título que, por si só, explica as três partes da minha conversa.

Primeiro, que não vale a pena fecharmo-nos num pensamento dicotómico, tão do agrado da cultura mediática que nos asfixia e empobrece a razão. A pedagogia não se reconhece numa margem nem na outra. É muito menos numa guerra entre elas: “A guerra é fácil. A paz é que é difícil. A razão é que é rara”.

Segundo, que a pedagogia é, por definição, a terceira margem. E, no conto de Guimarães Rosa, a terceira margem é o próprio rio. Bela metáfora da viagem, da descoberta. Em *Le Tiers-Instruit* (O Terceiro Instruído), Michel Serres explicou quase tudo: “Acreditavam-no duplo, ambidextro, dicionário, ei-lo triplo ou terceiro, habitando as duas margens e vivendo no meio, no lugar onde convergem os dois sentidos, mais o sentido do rio que corre. Toda a aprendizagem implica esta viagem com o outro e em direcção à alteridade. A escola é a viagem”.

O **terceiro** apontamento, no fim, é sobre o futuro, porque não há viagem sem uma ideia de futuro.

1.

Comecemos então pelas duas margens, criticando as dicotomias que fecham o debate educativo: Instrução ou Educação? Aprendizagem ou Ensino? Interesse ou Esforço? Integração ou Seleção? Igualdade ou Mérito? Liberdade ou Autoridade? Métodos ou Conteúdos? Valorização da pessoa ou do conhecimento? E por aí adiante...

A pedagogia nunca existe num destes pólos, mas sempre, inevitavelmente, na tensão entre eles.

Para aceder à inteligência das coisas educativas não podemos ceder ao facilitismo do pensamento binário.

Muitos, engalanados nas suas gravatas, só encontram uma solução para os problemas educativos: o regresso ao passado – *dantes é que era?! Mas qual dantes?!*

- O *dantes* do final do século XIX, quando as elites (Jaime Moniz, Ramalho Ortigão, os republicanos) denunciavam vigorosamente o “estado lastimoso” do ensino em Portugal...

- Ou será o *dantes* da República, quando os alunos, no dizer dos próprios reformadores republicanos, saíam das escolas “verdadeiros ignorantes”...

- O será o *dantes* do Estado Novo, quando os examinandos, nas palavras de um insuspeito Ministro, revelavam uma “ignorância absoluta das matérias” e escreviam “os disparates mais fantásticos”, e Portugal estava, orgulhosamente, no último lugar de todas as estatísticas europeias da educação...

Qual dantes?

Anda muita gente engravatada todo o ano, mas a assoar-se à gravata por engano (Alexandre O’Neill).

Olhemos então de frente, procurando compreender o problema principal da pedagogia, aquele que melhor sintetiza a impossibilidade de ficarmos comodamente numa das margens: conseguir ensinar aqueles que não querem aprender.

Ensinar os que querem aprender nunca foi um problema. Ensinar os que não querem, isso sim, é a missão mais nobre da pedagogia.

Hoje, todos os alunos estão na escola, mas nem todos têm acesso ao conhecimento. Há muitos alunos que não querem aprender, que não têm qualquer projecto escolar, e a escola é incapaz de responder a esta realidade.

Dantes – agora, sim, o *dantes* justifica-se – só ia à escola quem já compreendia a necessidade da escola. Agora, estão *todos* na escola, mas a escola só tem sentido para *alguns*. Bernard Charlot utiliza mesmo palavras mais fortes: há alunos que estão administrativamente inscritos na escola, que a frequentam do ponto de vista físico, mas que nunca nela verdadeiramente entraram.

É este o problema maior da pedagogia, e para o resolver temos de manter a tensão entre as duas margens, reconhecendo:

- O fracasso das reformas, de uma pedagogia burocratizada, que procurou trazer a “inovação” para dentro do *Diário da República*;
- E o fracasso de uma pedagogia tecnocrática (ou gestionária), que se arrasta em listas intermináveis de objectivos, de comportamentos ou de competências, sem préstimo e sem sentido;
- E ainda o fracasso da ciência da educação sempre que procurou substituir os professores, a sua prática e a sua reflexão sobre a prática.

O meu argumento principal é que só a pedagogia – *uma pedagogia nas mãos dos professores* – conseguirá reintroduzir sentido na escola e nas aprendizagens.

Por isso, tenho defendido que o regresso dos professores é também o regresso da pedagogia, como argumentarei na segunda parte desta intervenção, a pedagogia como viagem.

2.

Proponho-vos três paragens. A título de exemplo. Haveria muitas outras. O rio é que conta, não as suas margens. Detenho-me nos lugares mais simbólicos do debate pedagógico: o conhecimento, a autoridade e o trabalho.

» A primeira paragem é no conhecimento

“Dizem-me que para instruir é necessário conhecer aqueles que se instruem. Não sei. Talvez seja mais importante conhecer bem aquilo que se ensina”: a frase é de Alain, um filósofo que tem dois apontamentos luminosos (polémicos, provocadores):

- O primeiro quando diz que a criança gosta da dificuldade (das dificuldades), pede socorro para que a retirem desse ludismo permanente que acaba por causar tédio. “A criança não consegue deixar o jogo de moto próprio, mas quer deixá-lo”. Quer lhe abram novos horizontes, mais exigentes. Partilho convosco uma das histórias que mais marcou a minha vida pedagógica. Em 1978. *Era eu Professor da Escola do Magistério Primário de Aveiro. Aos seis anos de idade, nos primeiros dias de aula, as crianças eram convidadas a brincar, a jogar aos fantoches, etc. como modo de integração (actividades de exploração). No final do dia uma criança foi ter com a Professora e disse-lhe: “Senhora Professora, amanhã não venho à escola”. “Não vens à escola? Porquê” – perguntou a Professora. A resposta surgiu rápida: “Ora, não vale a pena. Para brincar, brinco em casa”.* A criança tem necessidade de movimento e de jogo. Sem dúvida. Mas a criança quer crescer, superar-se. E, na escola, este crescimento dá-se com a passagem do jogo ao trabalho.

- O segundo apontamento é o mais difícil para a pedagogia (a ele voltarei daqui a pouco com Rousseau...). Alain não gosta que se diga que é preciso agradar às crianças, e que esta é a melhor maneira de as instruir. “Difícil é conseguir que alguém se agrade, no fim, com aquilo que, no princípio, não lhe agradava”. É um ensinamento notável: “Não há experiência que eduque melhor um ser humano do que a descoberta de um prazer superior, que ele teria ignorado se não se tivesse dado ao esforço de o conhecer”.

Por isso, é tão importante inscrever a pedagogia na cultura, como tantas vezes nos tem explicado o Sérgio Niza. A pedagogia não serve para pedir *menos* mas para pedir *mais* esforço às crianças. Um esforço continuado, regular, com sentido, sem o qual não há escola.

» A segunda paragem é na autoridade

A segunda paragem é no debate sobre a autoridade, tema que está no coração da profissão docente, da própria identidade da pedagogia.

Sobre isto, o que se tem ouvido, de uma e de outra margem do rio, é medíocre e infeliz.

Permitam-me que comece por desfazer um equívoco. Com Rousseau. Inevitavelmente. Nos seus conselhos a um jovem professor, Rousseau explica que os professores autoritários têm muito pouco ascendente sobre os alunos. Dominam os corpos, mas não os espíritos. Escreve então a frase que tem servido para arrasar a pedagogia e os pedagogos: “A criança só deve fazer aquilo que quer”.

Consultei uma das melhores edições críticas do *Emílio* para estudar a frase e vou ler-vos, tal e qual, sem interpretações e sem comentários, o parágrafo em causa:

“A criança só deve fazer aquilo que quer. Mas deve querer apenas aquilo que vocês (professores) querem que ela faça. A criança não deve dar um passo sem que vocês o tenham previsto. Não deve abrir a boca sem que vocês saibam o que ela vai dizer.” Ponto final.

Aqui, nesta Assembleia, em ano de Centenário da República, recorro a Bernardino Machado: “Como todo o bom governo, o bom professor disciplina, mas não paralisa as vontades, não escraviza, emancipa”. A fórmula vem de Kant: devemos ser capazes de demonstrar à criança que a autoridade que exercemos sobre ela tem por fim conduzi-la ao uso da sua própria liberdade.

Releiam-se *As Lições dos Mestres*, de George Steiner, para bem compreender que são inúmeras as fontes da autoridade dos professores (o conhecimento, a competência, a autenticidade, o exemplo, a herança, a verdade, etc.), mas que ela nunca é arbitrária e que se firma, sempre numa relação de liberdade do outro.

Numa pequena história, Steiner resume o que eu teria para vos dizer:

“Por puro acaso, estive, nos anos de 1968-1969, em Harvard e Frankfurt, universidades então abaladas pela agitação estudiantil, sem que isso me tenha causado a menor dificuldade. Pedi ao meu auditório que me concedesse dez segundos antes de começar a minha lição, e os estudantes ficaram intrigados. Tanto mais que eu continuei dizendo-lhes que podiam protestar e sair, mas não antes de passados esses primeiros dez segundos. Apresentei-me perante eles como alguém que sabia tudo ao passo que eles não sabiam quase nada. Acrescentei que prestara a Deus o juramento de inverter essa equação em seu favor. O resultado foi um silêncio religioso”.

A autoridade pedagógica vive deste paradoxo: tornar-se inútil. Ou, para voltar a Bernardino Machado, “aprender a dispensar o mestre”, inverter a equação a favor dos alunos.

» A terceira paragem é no trabalho

... ligando ainda com o tema anterior. A escola, desorganizada e sem sentido, é a mais “violenta” das instituições. Dessa violência de que nos falava, com palavras tão justas, João dos Santos.

Pensar que é possível instaurar a disciplina (a ordem), sem primeiro instaurar o sentido, sem primeiro organizar o trabalho, é pura ilusão. Vivemos, hoje, uma realidade sem precedentes: para funcionar, a escola tem de criar primeiro as condições que tornem possível o seu funcionamento.

E, para tal, há dois movimentos, a meu ver imprescindíveis, que assinalo brevemente (e provocatoriamente): *distanciar-se da vida e reconciliar-se com o trabalho*.

Distanciar-se da vida... porque a escola não deve confundir-se com a vida, deve sim preparar para a vida, o que é bem diferente.

Tenho argumentado que a Escola deve ir contracorrente da sociedade. Do mesmo modo que, há cem anos atrás, a pedagogia precisou de introduzir vida na escola (actividade, jogo, afecto, movimento, etc.), indo contracorrente da sociedade daquela época; também agora, pela mesma razão, devemos pensar a escola como um lugar diferente, um lugar do silêncio, da reflexão, do diálogo, da razão, um lugar que combata o ruído que domina a sociedade do mercado e do consumo.

Gilles Lipovetsky diz que a escola deve ser “o tempo da lentidão, o contrário do *zapping*”. Ouvir o silêncio, introduzir silêncio no ruído da vida, trabalhar para uma pedagogia do silêncio que é sempre uma pedagogia do trabalho. A escola não deve dar à criança “mais do mesmo”,

mais do que ela já tem no dia-a-dia, deve sim procurar que a criança viva na escola o que não tem possibilidade de viver em qualquer outro lugar.

E, para isso, é necessário que a Escola **se reconcilie com o trabalho**. É preciso cumprir o ideário pelo qual se bateu António Sérgio ao longo da sua vida, uma Escola do Trabalho: “Designo por este nome uma educação geral, inteiramente diversa da educação técnica, no seu objectivo e nos seus métodos. É uma educação *por* (e não *para*) actividades profissionais”.

Se há, hoje, um elemento que distingue os bons professores é a sua capacidade de organização do trabalho escolar, do seu próprio trabalho e do trabalho dos alunos. O que sugere uma atitude cooperativa. A capacidade de organizar o trabalho é, sem dúvida, a mais importante qualidade pedagógica de um professor.

3.

Não há viagem pedagógica sem um sentido de futuro. Retomo, para concluir, ideias que tenho vindo a trabalhar nos últimos anos e que podem ser úteis para pensar o Currículo para o século XXI.

» **A primeira** é contra o *transbordamento* da escola, é contra o excesso de missões e de tarefas (que transforma a escola num “bazar chinês” onde existe tudo e nada, onde tudo parece ter a mesma importância, onde não é possível instaurar um sentido para o trabalho e para as aprendizagens), é contra a dispersão de projectos e actividades, contra a atomização das disciplinas. O currículo para o século XXI há-de ser o mais simples possível, deixando a máxima liberdade aos professores.

Para que a escola se recentre nas suas missões é indispensável, no entanto, que a sociedade assuma uma maior responsabilidade na educação das crianças. É o que tenho vindo a designar pelo reforço do Espaço Público da Educação, um espaço onde são tomadas decisões colectivas e assumidas responsabilidades no plano familiar, social e institucional. O mais fácil é enviar tudo para dentro das escolas, mas o resultado será sempre uma escola confusa e desgovernada.

» **A segunda ideia** é a favor da diversidade das escolas ou, melhor dizendo, de uma diversificação dos percursos escolares (e curriculares). Há muitas viagens que podem ser feitas no mesmo rio. Valorizar formas diferentes de fazer a escola é multiplicar as oportunidades de cada um. Com uma condição: não renunciar, nunca, à construção de uma cultura comum. Com uma certeza: escola que não abra perspectivas de mobilidade social, não é escola, é beco sem saída.

» A **terceira ideia** é para tentar responder à pergunta desta Conferência: o que vale a pena ser ensinado. Recorro à resposta, bem conhecida de Olivier Reboul: vale a pena ser ensinado *tudo o que une e tudo o que liberta*.

O que une, isto é, o que permite a cada um integrar-se numa sociedade, a história, a comunicação (a língua, as línguas), as regras do diálogo, aprender a viver com o outro, aprender a habitar a terra.

O que liberta, isto é, o que permite a cada um ir além do seu destino, libertar-se pela ciência e pelo conhecimento (a matemática, a filosofia, a leitura), as expressões artísticas, a capacidade de sermos amanhã diferentes do que somos hoje.

Acrescente-se uma nota: os saberes só unem e só libertam se forem ensinados como *cultura*, se forem trabalhados a partir da sua história e se forem apropriados através de uma dinâmica própria de cada um.

Se não for gesto de cultura, a pedagogia não é nada.

E por aqui termino... deixando no ar estas ideias. Soltas.

A pedagogia é uma “teoria prática” (para citar Durkheim) que permite aos professores organizarem o seu trabalho, com coerência e sentido.

A pedagogia é essa espécie de “filtro” que permite aos professores simplificarem (tornarem acessível) sem caírem no simplismo (na banalidade).

Não há pedagogia sem bons professores. Mas será que queremos mesmo ter bons professores? O que temos feito por isso? Temos sido capazes de atrair os melhores alunos do Secundário para a profissão docente? E de lhes dar uma boa formação? E de os valorizar do ponto de vista social? E de os apoiar no plano profissional? Ou será que não temos feito nada disto?

Comecei com Guimarães Rosa. Acabo com Guimarães Rosa: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”. Porque a terceira margem do rio, a verdadeira viagem da descoberta não consiste em encontrar terras novas, mas em adquirir novos olhares.